



## RESENHA DE “COMO (NÃO) FAZER UM GOLPE DE ESTADO NO BRASIL: UMA HISTÓRIA INTERNA DO 8 DE JANEIRO DE 2023”

Wellington Soares da Costa<sup>1</sup>

A obra composta por quinze capítulos trata do conjunto fático que culmina na invasão e no vandalismo contra o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto e o Supremo Tribunal Federal em 08/01/2023.

*Apresentação, por Carlos Zarattini (p. 13-14).*

O apresentador é Deputado Federal e, nesse tópico, informa que a tentativa fascista de golpe com ápice no dia 08 de janeiro de 2023, mediante invasão e depredação das sedes dos três Poderes Federais, inspirada provavelmente na ocorrência de 06/01/2021 nos EUA e de maneira semelhante a outros eventos (ditadura no Brasil, fascismo na Itália, nazismo na Alemanha, por exemplo), constitui o tema do livro.

*Prefácio, por Wadiah Damous (p. 17-19).*

Deputado Federal, o prefaciador esclarece que os autores não contam a história presente ou imediata e não procedem a jornalismo, porém localizam “permanências e rupturas de nosso passado histórico-político” (p. 18). Acrescenta-se que o prefaciador defende a revogação do art. 142 da Lei Maior de 1988, relativo às Forças Armadas, uma vez que os militares “não são tutores da nação nem, tampouco, herdeiros do poder moderador imperial” (p. 18).

*I: Á Guisa de Quadro Teórico (p. 21-34).*

A falta de acesso a fontes clássicas historiográficas (interrogatórios e autos de acusação de presos) é compensada pelo volumoso material disponível na internet, bem como pela experiência dos autores com pesquisas precedentes das quais resultam três publicações: 1) “Dicionário de história militar do Brasil, 1822-2022”; 2) “A república sitiada: militares e bolsonarismo no Brasil”; 3) “Passageiros da tempestade: fascistas e negacionistas no tempo presente”. O capítulo 3, a propósito, menciona entrevistas e conversas como fontes fundamentais utilizadas.

Dentre os pontos focais da discussão que compõe o livro, salienta-se que a tentativa golpista resulta de movimentos anteriores organizados de modo sistêmico, daí falar-se nos três tempos desse conjunto fático: “tempo longo” (campanha eleitoral em 2018 para

---

<sup>1</sup> Bacharel em Administração e Direito. Pós-graduado em Gestão e Desenvolvimento de Seres Humanos, Direito Constitucional, Direito Administrativo e Tutoria em Educação a Distância. Parecerista de periódicos. Servidor Público do Instituto Nacional do Seguro Social. E-mail: [wsc333@gmail.com](mailto:wsc333@gmail.com). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2378720543304237>





Presidente da República), “tempo das conjunturas” (acúmulo de crises a exemplo de 07/09/2021, 30/10/2022, 12/12/2022 e 08/01/2023) e “tempo curto” (eventos imediatos cuja essência sistêmica é algumas vezes ocultada por inúmeras informações, o que alude ao “infarto das *infohighways*” citado por Byung-chul Han).

08/01/2023 é o “Domingo da Vergonha”, o ápice de um movimento que não significa o retorno à ditadura militar de 1964, pois se trata de um dos fascismos atuais, que são movimentos de massa, diferentemente das ditaduras.

*II: Tempos Históricos, Memória e História do Tempo Presente: o método* (p. 37-49).

Explicam-se as diferenças entre a historiografia clássica e a do tempo presente. A primeira entende a história como evolucionista linear. Na segunda, o historiador inter-relaciona os elementos estruturantes passados e presentes e deve “distinguir dentre o turbilhão de informações incontroláveis do âmbito atual de redes de dados, e o que são processos que identificam tendências e, assim, mostraram-se portadores de futuro em face do universo que compõe um imenso lixo digital” (p. 41).

A história do tempo presente não é uma nova cronologia na história contemporânea, mas um novo método que considera o tempo presente não linear entendido sob a ótica daquele inter-relacionamento, e com tal método analisa-se o 08/01/2023.

*III: O esperado aconteceu: o golpe* (p. 51-55).

Jair Bolsonaro não inventa o bolsonarismo, apenas direciona politicamente o sentimento de parcela substancial do povo brasileiro. Eis o motivo pelo qual Jair Bolsonaro “não é a causa, é, tão somente, o sintoma em forma política de uma sociedade desigual” (p. 54). Ademais, o bolsonarismo consegue juntar os movimentos de Direita e liderá-los.

Afirma-se que as fontes fundamentais dos autores são entrevistas e conversas realizadas por eles junto a políticos, militares e funcionários em postos centrais; que a maioria dos entrevistados pede o anonimato, devido à instabilidade política e às consequências possíveis na vida funcional.

*IV: Encontro marcado: o 8 de janeiro de 2023* (p. 57-67).

A maioria popular elege Lula no segundo turno das eleições 2022 para Presidente da República. Por sua vez, o bolsonarismo não reconhece o resultado eleitoral. Os “patriotas” (indivíduos adeptos do bolsonarismo) acampam em frente a instalações militares, pedem a intervenção militar pretensamente fundamentada no art. 142 da Constituição de 1988, fortalecem-se com a omissão de autoridades militares e do Ministério Público e, por fim, descambam para mais um vandalismo, agora em 08/01/2023.

O capítulo discorre ainda sobre barbaridades cometidas pelo próprio Jair Bolsonaro antes das eleições (*fake news* quanto às urnas eletrônicas e negacionismo referente à pandemia de COVID-19 são exemplos).

*V: As bases sociais do bolsofascismo* (p. 69-74).





Listam-se população urbana das camadas média e baixa, funcionários públicos, militares, caminhoneiros, taxistas, pequenos empresários, representantes do agronegócio e idosos, esses últimos até no grupo de vândalos em Brasília no dia 08/01/2023 (dentre os presos, 66% brancos e 54% com renda mensal maior que cinco salários mínimos).

*VI: A “falha”: confiança quebrada! (p. 77-79).*

Alusões: Gabinete da Segurança Institucional (GSI); Agência Brasileira de Inteligência (ABIN), que sucede o Serviço Nacional de Informações (SNI) da Ditadura Militar; Governador do Distrito Federal; Polícia Federal.

Em 12/12/2022, data na qual se diploma o candidato eleito Presidente da República, Brasília sofre vandalismo com ônibus e veículos particulares queimados nas vias públicas e tentativa de invasão da sede da Polícia Federal, sem prisão de nenhum autor desses crimes. “Noite de Fogo e Destruição” denomina esse dia (esse é o primeiro pico da crise, o segundo é 08/01/2023 e o terceiro é 21/01/2023 com a substituição do comandante do Exército, conforme os capítulos 8 e 9).

Depois, tentam explodir caminhões-tanque no Aeroporto Internacional de Brasília...

As omissões institucionais, também verificadas em outros Órgãos quanto às ações bolsonaristas referidas em capítulos antecedentes, são a “falha” e a quebra de confiança.

*VII: Um janeiro estilhaçado! (p. 81-83).*

Comentam-se: incentivos da emissora Jovem Pan e de parlamentares; minuta de um Decreto presidencial sobre o “Estado de Defesa” (minuta do golpe) na residência do Secretário de Segurança Pública do Distrito Federal; registros baseados em depoimentos de presos quanto à mobilização prévia para 08/01/2023 e às respectivas despesas integrais pagas.

*VIII: Intervenção Militar ou ruptura com a tradição? (p. 85-88).*

Após a ocorrência de 08/01/2023, decreta-se a intervenção federal no Distrito Federal e não a Garantia da Lei e da Ordem (GLO), que implica o poder de comando aos militares. Assim, rompe-se a tradição de GLO.

O terrorismo bolsonarista, entretanto, prossegue até 10/01/2023 sob a forma de ataques a torres de transmissão da energia elétrica, tentativas de bloqueio em rodovias e invasão de refinarias (fatos considerados no capítulo 11).

Em 21/01/2023 ocorre a exoneração do comandante do Exército. Mais uma vez rompe-se a tradição e, ao invés da intervenção militar implorada pelos “patriotas”, dá-se a intervenção civil.

*IX: Brasília ocupada: o fascismo em marcha! (p. 91-97).*

O acontecimento de 08/01/2023 é organizado nos acampamentos em frente a instalações militares e compartilhado por WhatsApp como “Convite à Festa da Selma”. Segundo a nota de rodapé nº 104, “A palavra-chave que designou o golpe foi ‘O Partido Selma’,





em alusão aos acontecimentos de 1963 e 1965 nos Estados Unidos, quando supremacistas brancos atacaram uma marcha pacífica liderada por Martin Luther King, causando dezenas de vítimas. O tema foi popularizado no Brasil através do sucesso do filme americano ‘Selma’, de Ava DuVerney, em 2015. A escolha sarcástica do nome do movimento golpista explicita o caráter reacionário, supremacista e excludente do bolsonarismo” (p. 92).

Aliás, ocorre nos acampamentos a entrega da bomba para explosão no Aeroporto. “O ‘acampamento’ em si era chamado de ‘vila’ patriótica, onde havia uma barraca-cozinha, banheiros químicos, uma tenda de jantar e um poderoso sistema de som ultramoderno. Além disso, o ‘acampamento patriótico’ em Brasília tinha um ‘teatro de fantoches’ e uma tenda de massagem terapêutica para idosos (algumas barracas chegavam a 100 metros quadrados e eram alugadas por R\$ 1.000 por dia)” (p. 92).

A substituição do comandante do Exército em 21/01/2023 é o terceiro pico da crise (registram-se o primeiro e o segundo no capítulo 6; a explicação do terceiro pico é retomada no capítulo 13).

*X: Insurreição, golpe de Estado, terror e sedição* (p. 99-105).

O final do capítulo contém a cronologia da crise democrática brasileira (p. 105):

**07/09/2021:** Primeira tentativa de golpe;

**30/10/2022:** Segunda tentativa de Golpe, com a Minuta de Estado de Defesa.

**12/12/2022:** A Noite do Fogo em Brasília;

**08/01/2023:** A terceira tentativa de Golpe;

**21/01/2023:** Exoneração do Comandante do Exército.

**21/01/2023:** Descoberta do Genocídio Yanomami

**23/01/2023:** Reunião do Alto Comando do Exército para definir o afastamento dos golpistas.

**02/02/2023:** Denúncia do senador Marcus do Val.

A primeira tentativa golpista é comentada no capítulo 14.

*XI: Lula fala sobre o perigo* (p. 107-112).

Assuntos expostos: pronunciamentos de Lula em 11 e 18/01/2023; possíveis crimes dos vândalos de 08/01/2023 (danos ao patrimônio público da União, crimes contra o patrimônio cultural, associação criminosa, abolição violenta do Estado Democrático de Direito e golpe de Estado); crimes referidos na mídia (sedição, *putsch*, pronunciamento, insurreição e terrorismo).

Explica-se o terrorismo perpetrado em 08/01/2023: “comentaristas ‘esquecem’, estranhamente, que, junto com os acontecimentos ocorridos em Brasília, várias torres elétricas de longa distância foram derrubadas com bombas - 4 foram efetivamente demolidas e outras 16 foram atacadas sem demolição, porém com graves prejuízos, nos estados do Paraná, Rondônia e Mato-Grosso. Também foram feitas tentativas para ocupar refinarias e bloquear o abastecimento de combustível do país, bem como para ocupar e bloquear estradas e ferrovias. O objetivo era claramente levar o país ao caos e ao medo, justificando a intervenção militar” (p. 111).





*XII: Militares e a República: entre o braço forte e a mão amiga! (p. 115-120).*

Debatem-se as origens do pretense poder militar, desde o tenentismo da década de 1920 até o integralismo da década de 1930, poder jamais previsto nas Constituições republicanas. Constatam-se a influência militar no *impeachment* da Presidente Dilma Rousseff e a influência lava-jatista na prisão de Lula. Entende-se a Lava-Jato como novo lacerdismo das décadas de 1950 e 1960. Iniciam-se no ano 2016 a maior crise republicana pós-1964 e a escalada bolsofascista.

*XIII: O retorno de “1964”: a utopia reacionária (p. 123-132).*

Em razão do revisionismo e do negacionismo de Jair Bolsonaro desde a campanha eleitoral de 2018 para Presidente da República, relacionados à Ditadura Militar e reunidos às tentativas de recriação do Serviço Nacional de Informações (SNI) ou reedição do Ato Institucional nº 5 (AI-5) por Eduardo Bolsonaro e Carlos Bolsonaro, retoma-se o tema 1964 no âmbito acadêmico e na política.

Ilustrativamente, a utopia reacionária pertinente ao retorno de 1964 é comprovada, consoante ao capítulo 14, com a cooptação de militares (total de sete mil) para o exercício de funções governamentais civis no Governo Bolsonaro.

*XIV: Os golpes de Estado de Jair Messias Bolsonaro (p. 135-144).*

Trata-se de quatro ocorrências:

- 07/09/2021 (declaração de que, doravante, desobedece às decisões do Supremo Tribunal Federal);
- 30/10/2022 (minuta golpista);
- 08/01/2023 (incentivo de Jair Bolsonaro, que prevê no Twitter “algo maior que o Capitólio”, p. 139);
- 02/02/2023 (denúncia do Senador Marcos do Val, “visando claramente envolver personagens do atual governo nas aventuras golpistas e impedir as investigações através da falsa inculpação do Ministro Alexandre de Moraes. Neste caso, áudios posteriormente publicados demonstram que, já em 10 de janeiro, urdia-se no próprio GSI uma versão falsificada do 8 de janeiro, atribuindo os eventos a uma conspiração anti bolsonarista do Ministério da Justiça com o próprio Presidente eleito Lula da Silva”, p. 140).

*XV: Conclusões Provisórias: O retorno da Insurreição Fascista (p. 147-151).*

Entre 12/12/2022 e 02/02/2023, datas correspondentes à “Noite de Fogo e Destruição” e à denúncia do Senador Marcos do Val, respectivamente, observa-se a insurreição bolsofascista com sedição de autoridades civis e militares, terrorismos, associação criminosa e falsa denúncia (tentativas de parlamentares e outros para desviar, dificultar ou impedir as investigações acerca de 08/01/2023).

Uma fotografia em preto e branco (e com riscos que indicam vidraça quebrada e remetem ao título do capítulo 6) inicia cada capítulo.





Por fim, o texto na última capa é de João Claudio Platenik Pitillo, segundo o qual a “pior constatação” é que o golpismo produzido no século passado está vivo.

Na obra resenhada, elucida-se a história de 08/01/2023 com os eventos nacionais e mundiais que lhe são correlatos, entrevistas e conversas com pessoas que atuam em postos centrais nas instituições brasileiras.

## REFERÊNCIA

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHURSTER, Karl. **Como (não) fazer um golpe de estado no Brasil**: uma história interna do 8 de janeiro de 2023. Recife: Editora Universidade de Pernambuco, 2023.

